



Homens & Lobos

Um mistério (afinal) sem lobos

Estamos em Itália, na comuna de Castiglione dei Pepoli, perto de Bolonha. Corre o verão de 2015. Um agricultor de 60 anos colhe cogumelos num bosque quando de súbito é atacado por um animal feroz. Vê-se, mordido, retalhado, ferido em várias zonas do corpo, do braço esquerdo até à garganta. Depois de ser levado por familiares para o hospital, ainda em estado de choque, é tratado com mais de centena e meia de pontos. Só sairá do hospital dias depois.

Quem viu o estrago, concorda com a vítima: foi um ataque brutal, obra de “um animal poderoso” (como então relatam os jornais). Culpado evidente? Um lobo, claro. Não que haja muitos nos Apeninos, nesta altura: não mais de 100 – mas o pânico e as conversas de café espalham-se por montes, valcs e aldeias com a urgência de um fogo florestal.

São temores e superstições antigas que regressam, primeiro resmungadas entre dentes, depois em queixas gritadas à imprensa e a quem as queira ouvir: se por um lado alguns teimam na sabedoria ancestral, garantindo que “os lobos não atacam pessoas”, outros aventam que pode ter sido uma loba a proteger uma ninhada de apanhadores de cogumelos inconscientes da sua proximidade. O medo começa a espalhar-se.

Felizmente, a polícia que acudiu ao local do ataque recolheu amostras da roupa da vítima: quatro pelos e três gotas de saliva. Tudo seguiu para o ISPRA, o *Istituto Superiore per la Protezione e la Ricerca Ambientale*, na vizinha localidade de Ozzano. E ali a genética acabou por resolver o mistério.

Quem era então o culpado? Nem um lobo, nem sequer um híbrido cão-lobo, um

cão da raça akita-americano, pertencente a um conhecido do agricultor atacado. Aliás este, ainda durante as análises, já confessara a verdade: fora o cão do vizinho a mordê-lo e ele só o escondera para que o animal não fosse abatido pelas autoridades. E assim se disparara mais uma mentira sobre os lobos, atribuindo-lhes o que seria o primeiro ataque lupino a humanos em Itália, desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Também em Portugal há cães que atacam gado, lançando suspeitas sobre os seus parentes lupinos. Mas também por cá a genética tem contribuído para deslindar muitos destes casos bichudos. A verdade é só uma: em Portugal temos muito mais a temer de cães assilvestrados ou mesmo domésticos do que de lobos.

No entanto, mesmo aqui já encontramos pessoas que, segundo dizem, já viram dezenas de lobos mas são incapazes de reconhecer fotos dos mesmos sem grande número de enganos. Por isso é importante a presença itinerante das exposições “Coexistir com os grandes carnívoros: o desafio e a oportunidade” e “Um olhar sobre o lobo” – cada uma à sua maneira, dão-nos a conhecer a verdadeira face do lobo e de outros animais silvestres.

Hoje, pode encontrá-las na Junta Freguesia Alverca da Beira e Bouça Cova e na Junta de Freguesia do Vale do Côa, Azêvo e Cidadelhe. Em breve irão para outros locais, espalhando um pouco de conhecimento e contribuindo para dissipar medos infundados.

Texto produzido no âmbito do Projeto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.